

José Cardoso Pires, **CARTILHA DO MARIALVA**, Lisboa, Editora Ullisseia, Lda., 1966, 191 págs.

A "Cartilha do Marialva", agora reeditada (fôra editada pela primeira vez em 1960, numa exígua tiragem) é, antes de tudo, uma denúncia da Declaração da Inferioridade Feminina.

José Cardoso Pires tem assumido uma posição muito responsável na literatura portuguesa dos nossos dias, e mais, na cultura duma geração que lentamente se vai despojando de mitos que já perduraram demasiadamente pelos séculos e se exacerbaram nas infelizes tendências neogarrettistas e saudosistas dum fim de século e princípio de outro. De modo que Cardoso Pires tem denunciado na sua obra de ficção exatamente um estado de coisas que, por obsoleto, deve ser eliminado dos grandes mitos nacionais.

Este ensaio sobre o marialvismo é uma bela e sadia lição de modernidade, ou antes, um ato de rebeldia ás prerrogativas consuetudinárias do direito masculino.

Seria bom talvez esclarecer o que deve entender-se por marialvismo, uma vez que o termo não parece muito usual, sobretudo aqui no Brasil, mas é difícil fazê-lo porque o mesmo envolve todo um contexto histórico que abrange o status da aristocracia feudal, o código das grandes famílias, o imobilismo da fidalguia de cêpa, e uma "divinização" do fidalgo todo-poderoso, dono e senhor dos seus e dos que não são seus. Existe no marialva, pois, um pan-sexualismo, o da soberania absoluta no amor, um irracionalismo, um antiintellectualismo consubstanciado na "pax ruris". A melhor síntese de toda esta terminologia é, porém, a que J.C.P. usa com muita frequência no seu ensaio: o machismo.

Colocando o problema num contexto histórico e sociológico, J.C.P. denuncia através das páginas do seu livro a degradante situação a que tem sido submetida a mulher, injustamente condenada por causa duma maçã, colocada no Paraíso á sua revelia. Homem, ou melhor, fenómeno machista dum lado, e mulher, ou fenómeno materno e caseiro do outro, eis o mundo que o A. constrói, e pacientemente destrói. O bode expiatório desta polarização é, no ensaio de J.C.P., a "Carta de Guia de Casados", de D. Francisco Manuel de Melo. Mas não é só o autor do Fidalgo Aprendiz que é denunciado. De um modo geral e entre muitos outros, também ali são acusados os esquemas amorosos (e sociais) de Garrett, Julio Dinis e Eça, que utilizaram em largas doses o herói marialva, que outro não é senão um D. Juan mais genérico e menos célebre.

Para além de entre política e literatura, também no quotidiano atual se desenvolve o fenómeno marialva. Cardoso Pires percorre com crueldade e espírito os continentes do marialvismo, que, evidentemente, extravasa do âmbito nacional. Os seus exemplos são buscados não só em várias épocas como em áreas de civilização hodierna, como os Estados Unidos da América onde a preocupação da mulher em exhibir os amplos dotes físicos, que eventualmente possuía, é, no fundo, uma provocação ao marialvismo estabelecido. Por isso o marialvismo é universal e já vem de recuados tempos da história — desde que a mulher se tornou numa presa submissa do homem. E o ensaio de J.C.P. é igualmente uma exortação ao término deste injustificável processo de relação humana.

Marialvismo, ou machismo, é, evidentemente, o termo mais próximo de donjuanismo — apenas com uma categoria semântica portuguesa. Por isso o livro de José Cardoso Pires, libertando do âmbito restrito duma nomenclatura nacional um fenómeno universal, dá um excelente e seguro passo para o aprofundamento dum problema histórico, social e económico. E económico porque será neste campo de ação que o marialvismo ruirá definitivamente, quando a mulher se emancipar dos códigos seculares que voluntariamente ainda utiliza.

Obra de sério contexto sociológico, filtrado por um lucido realismo crítico, os aspectos culturais, políticos, literários e quotidianos nela se entrelaçam numa ampla e consciente visão de estruturas onde prerrogativas masculinas permanecem ainda feudais e irraciona-

F.M.